

## Horácio e a arte da *recusatio*

### Horatius and the art of *recusatio*

Virgínia Soares Pereira<sup>1</sup>

---

#### RESUMO

Entre os poetas que conviveram com Augusto e celebraram a instauração de uma nova era de paz, passado o pesadelo das guerras civis, encontra-se Horácio. Veremos como o Venusino, que acima de tudo prezava a sua liberdade pessoal e recusava a grande poesia celebrativa, acabou por se associar ao coro das vozes exaltadoras do *princeps*.

**Palavras-chave:** Roma. Augusto. Mecenas. Poesia helenística. *Recusatio*.

#### ABSTRACT

Horace can be found among the poets of the time of Augustus who celebrated the dawning of a new era of peace, in the aftermath of the nightmare of the civil wars. We will see how the Venusian poet, who valued his personal freedom above all things, and who refused grand celebratory poetry, could join the chorus of voices exalting the *princeps*.

**Keywords:** Rome. Augustus. Maecenas. Hellenistic poetry. *Recusatio*.

---

“É desconcertante seguir Horácio em todas as variações de que é capaz”.  
(R. M. Rosado Fernandes, *A figura de Horácio*, 2009, p. 19)

“(…) he [Horatius] is the one among the poets who does speak on the subject of relations with Augustus, and also the one to whom we have revealing letters from the Emperor.”

(Griffin, “*Caesar qui cogere posset*”, p. 206)

#### *Homenagem ao Prof. R. M. Rosado Fernandes*

Como se afirma nas frases em epígrafe, não é fácil captar as tonalidades caleidoscópicas de que se reveste o autêntico pensar e sentir de Horácio relativamente a Octaviano Augusto, apesar de ser o único poeta que fala das

---

<sup>1</sup> Investigadora Integrada do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Portugal. E-mail: [virginia@ilch.uminho.pt](mailto:virginia@ilch.uminho.pt); [virginia.soarespereira@gmail.com](mailto:virginia.soarespereira@gmail.com).

relações com o *princeps* e também o único a respeito do qual temos cartas muito elucidativas da autoria do próprio imperador. No entanto, e pese embora a razoável abundância de dados concernentes a estas duas figuras, a produção poética horaciana está longe de ser de meridiana transparência. Será sempre necessário perscrutar nas entrelinhas da sua poesia – constantemente sujeita ao helenístico *labor limae* – as linhas do pensamento do poeta.<sup>2</sup> E esta é uma das dificuldades com que se defronta quem pretenda compreender a poesia horaciana no que a Augusto e à sua política diz respeito, ele que sempre procurou conduzir-se com os grandes sem comprometer a sua dignidade pessoal e artística.

Randall Mcneill (2001), que tem dedicado grande parte da sua investigação às técnicas de auto-representação e à representação das relações sociais na poesia latina de finais da República e do século de Augusto, exprimiu muito bem esta dificuldade, logo no capítulo introdutório da sua obra sobre a imagem e a identidade do poeta, subintitulado “The Horaces of Horace”. Mediante tão estimulante formulação, Mcneill questiona-se sobre a autenticidade (ou não) da auto-representação de Horácio e afirma, procurando clarificar o seu pensamento (2001:2): “quando as pessoas dizem que gostam da personalidade de Horácio, ou que acreditam no que ele nos diz, devemos perguntar-nos a que ‘Horácio’ se referem especificamente”. É que, como avisara

---

<sup>2</sup> Basta atentar nos inúmeros comentários, minuciosos e especiosos, que, analisando à lupa a tessitura poética do poeta venusino, escarpelizam todos os possíveis e profundos sentidos de um verso ou de um poema, carreados pelo contexto, pela densidade das incontáveis referências mitológicas, geográficas e históricas, ao modo da poesia helenística, pelo léxico utilizado, pela *callida iunctura* ou pelo eco que certas palavras despertam no espírito do leitor, de hoje e de todos os tempos, formado na escola clássica. Vejam-se, a título de exemplo, as análises de Putnam, Fraenkel, Fedeli, e tantos outros.

antes: “Trabalhar em Horácio dá a impressão de tentar apanhar um fantasma – um fantasma esperto, encantador e invulgarmente ágil”.<sup>3</sup>

Sendo assim, que poderemos afirmar com segurança a respeito deste extraordinário vulto do Século de Augusto e da sua relação com o *princeps*, decorridos que foram dois milénios sobre o tempo e as circunstâncias de ambos e depois de uma mole incomensurável de estudos horacianos elaborados ao longo dos séculos?

\* \* \*

A vida e obra de Horácio reflectem as mudanças operadas na vida de Roma desde o cesaricídio e as subsequentes lutas pelo poder entre Marco António e César Octaviano, por um lado, e a consolidação do novo regime instaurado por Augusto, por outro. Tendo combatido na sua juventude, no ano de 42 a.C., em Filipos (Macedónia), ao lado dos cesaricidas (Bruto e Cássio), que foram vencidos por Octaviano e M. António, regressou a Roma ao abrigo de uma amnistia geral decretada pelos triúnviros, viu-se sem terras e sem bens, e sobreviveu exercendo o cargo de secretário do tesouro.

Concomitantemente foi-se entregando à única verdadeira paixão da sua vida: a poesia. Mas pouco se conhece da sua produção dos primeiros tempos. Corria o ano de 39 quando foi apresentado a Mecenas por Virgílio e Vário, já então poetas apreciados que viram nos primeiros poemas do jovem Horácio a promessa de um grande poeta, e assim começa uma nova fase da sua vida, já plenamente consagrada à actividade poética, graças ao apoio de amigos e muito em particular do Conselheiro de Augusto.

---

<sup>3</sup> Mcneill, 2001, p. 2: “(...) when people speak of liking Horace’s character or believing what he tells us, we must ask to which ‘Horace in particular they refer.’ E: “Working on Horace feels at times like trying to catch a ghost – a clever, charming and unusually agile ghost.”

Datam de 35 a.C. as primeiras impressões poéticas relativas ao seu convívio com Mecenas e outras das personalidades mais destacadas no mundo da política e da arte, como se infere da sátira 1.5, sobre a viagem a Brindes – uma espécie de viagem diplomática destinada a dirimir desavenças entre as partes de Marco António e de Octaviano –, e também da sátira 1.9, com a magistral caracterização do maçador, que insiste em saber como é participar do convívio *cum magnis*, com os grandes. Em jeito de resposta, o poeta dá a entender um convívio feito de franca amizade, mas objecto da maledicência ou inveja do povo, que não compreendia como é que o filho de um liberto era aceite tão familiarmente no convívio com a elite social e intelectual do tempo.<sup>4</sup> Mais tarde, numa outra sátira (a sátira 2.6, que contém a fábula do rato do campo e do da cidade), um interlocutor dirige-se-lhe como “*Fortunae filius*”, por privar com Mecenas e, portanto, por estar tão próximo dos deuses e conhecer o que se passa naqueles meios poderosos.<sup>5</sup> O poeta declara, então, desconhecer em absoluto os segredos políticos e de estado que todos querem conhecer, mas o interlocutor mostra-se absolutamente incrédulo.

Os anos que se seguiram, entre 30 e 23, constituem os anos de maturação da grande obra que fez de Horácio lírico o clássico por excelência da literatura latina. Refiro-me aos três primeiros livros das *Odes*. Esses anos foram igualmente da maior importância para o verdadeiro estabelecimento do principado. Se os *Epodos* (do ano 30) espelham ainda os problemas das guerras civis, já as *Odes* (editadas em 23) reflectem a obra de restauração e pacificação

---

<sup>4</sup> Mas o v. 52 (*magnum narras, uix credibile*), atribuído ao maçador, parece contraditar esta visão idealizada do círculo de Mecenas, como observa B. Delignon (2012, p. 93). Segundo esta estudiosa (p. 94), o mesmo acontece na sátira 2.3, datável de 30 a.C., com Demasipo, de tendências estoicas, a denunciar essa mesma visão idealizada, acusando o poeta de não compor nada digno de ser celebrado e de pretender imitar Mecenas, apesar da distância que os separa.

<sup>5</sup> *Sat. 2. 6.51-52* : “(...) *nam te / scire, deos quoniam propius contingis, oportet*. Note-se este hábil cumprimento a Mecenas e Octaviano, posto na boca do interlocutor. Assim o poeta vai tecendo a sua rede de sentidos.

implementadas por Octaviano, designado Augusto<sup>6</sup> a partir de 27 a.C., o ano em que o Senado recusa retomar os seus poderes constitucionais e os deposita integralmente em Augusto.<sup>7</sup> Todavia, com excepção das chamadas Odes Romanas, do Livro III – datáveis de 29 a 26 (Grimal, 1986, p. 81-84) –, o nome de Augusto está praticamente ausente dos três livros das Odes. Mecenas, sim, é o destinatário de muitas delas.<sup>8</sup> Compreende-se, por isso, que o *princeps* se queixe, um dia, do facto de Horácio não lhe endereçar nenhuma composição sua, como veremos adiante.

Mas o poeta prezava, acima de tudo, a sua independência<sup>9</sup> e, embora tenha sido presenteado pelo seu protector, Mecenas, com uma quinta de grande valor, dizia-se disposto a devolver tudo, se os presentes implicassem perder a sua independência de espírito e de movimentos. É o que afirma na *Epist.* 1.7, datável de 20 ou 19, em resposta à insistência de Mecenas para que deixe o campo e regresse a Roma.<sup>10</sup> Além disso, e talvez por idênticos motivos, recusara

---

<sup>6</sup> “Palavra do vocabulário religioso que o singularizava acima dos homens” (Pereira, 2009, p. 230). Este epíteto evocava a ideia de venerando e estava etimologicamente associado a palavras que sugeriam prestígio e autoridade, como *augur* e *auctoritas*, bem como prosperidade e êxito (evidente na raiz comum a *augeo*). Os Romanos acreditavam que o estado cresceria sob o seu comando. Assim surgiu a ideologia augustana da Vitória, sendo a vitória entendida como símbolo de favor divino. E, de facto, como tem sido sublinhado, quem mais contribuiu para esta aura de heróica excepcionalidade foi o próprio Augusto, responsável pela criação de uma verdadeira ideologia do Principado, sobretudo a partir de 27 a.C., o ano em que o Senado lhe outorgou plenos poderes e atribuiu o título honorífico de *augustus*. Sobre os motivos da escolha deste epíteto e a rejeição de outros nomes, veja-se Alberto, 2004, p. 36-37.

<sup>7</sup> Vd. Vicente Crostóbal, p. 29 ou V. Cremona, 1993, p. 109, que afirma: “Fu la fine delle guerre civili e l’avvento della pace, dopo anni di sofferenze e di atese, a promuovere l’avvicinamento del poeta a Ottaviano.”

<sup>8</sup> E não apenas das Odes. Também das Sátiras. No conjunto das dezoito que compôs, Mecenas está presente em onze.

<sup>9</sup> Quem, como Galinsky (1996, p. 253), defende a independência de espírito de Horácio, sublinha o facto de o poeta não se filiar em nenhuma seita filosófica (vd. *Ep.* I, 1, 14) e entende que a sua relação com Mecenas e Augusto é disso prova.

<sup>10</sup> A relação de Mecenas para com Horácio é a de *patronus* e de *amicus* para com o *cliens*, ainda que este seja um grande poeta. Sobre esta característica de organização hierarquizada da sociedade romana, bem como sobre os deveres (*officia*), benefícios e constrangimentos a que ambos estavam obrigados mutuamente, e como tal se reflectia na produção de poetas dependentes do evergetismo, patrocínio ou ‘mecenato’, isto é, dos *munera*, veja-se Ph. Bowditch

o convite de Augusto para ser seu secretário particular. É Suetónio quem o diz, na *Vita Horati*, citando um extracto de uma carta de Augusto a Mecenas, na qual o *princeps* reclamava a colaboração de Horácio como secretário particular:

*“Ante ipse sufficiebam scribendis epistulis amicorum, nunc occupatissimus et infirmus Horatium nostrum a te cupio abducere. Veniet ergo ab ista parasitica mensa ad hanc regiam, et nos in epistulis scribendis adiuuabit.”*

“Antigamente, eu conseguia escrever cartas aos amigos, mas agora, extremamente ocupado e de frágil saúde, é meu desejo tirar-te o nosso Horácio. Assim, ele deverá deixar essa mesa parasítica para se dirigir a esta casa real, a fim de me auxiliar na escrita das cartas.”

Sabe-se (ainda segundo Suetónio) que Octaviano não ficou aborrecido com a recusa, mas a ironia presente neste extracto de carta parece querer sugerir que o poeta preferiria a *parasitica mensa* do amigo à *regia* do Palatino. O uso do termo *regia* (casa real, palácio), aplicado à casa de Augusto, por contraposição ao ambiente *parasiticus*, parece beliscar quer o anfitrião, quer o poeta, ao passo que Octaviano -Augusto se auto-representa, em registo auto-irónico, como *rex* em relação ao próprio Mecenas, que em boa verdade era um membro da classe equestre e de ascendência real etrusca... No seu estilo um tanto ambíguo, Augusto caracteriza a “mesa” protectora de Mecenas como *parasitica* – aludindo porventura à riqueza, vida amena (ao recusar o desempenho de cargos públicos, qual sábio epicurista sem ambições) e sensibilidade artística do Conselheiro –, por atrair ao seu convívio e patrocinar toda uma plêiade de poetas e escritores que desse modo se alheavam da causa pública e do desígnio político do *princeps*. Mas sabe-se quanto o Conselheiro apoiou o programa político de Octaviano-Augusto, directamente ou na sombra, quer assumindo o

---

(2001). A Epístola 1.18, a Lólio, desenvolve o tema da relação entre o *patronus*, ou *potens amicus* e o *cliens*, num *sermo* que mais parece um manual de regras de etiqueta social.

poder efectivo na ausência temporária do *princeps*, quer insistindo com os poetas para que celebrassem Augusto e as glórias de Roma.<sup>11</sup> E Horácio – que não deixara de ser um subalterno *cliens* – também se associará, sancionando-a com o seu prestígio como poeta, à acção do “guardião” (*custos*) dos costumes e da paz.<sup>12</sup>

Em 23, com a publicação dos três primeiros livros das *Odes*, nos quais, como vimos, a presença directa de Augusto está escassamente representada, e ainda em 20, ano da publicação do Livro I das *Epístolas*, no qual essa presença é ainda reduzida, Horácio parece pouco afeito a fazer coro com as *laudes Caesaris*. Mais tarde, Augusto diz-se zangado com o poeta por não lhe ter dedicado nenhum dos seus *sermões*. E interroga-se, em palavras que Suetónio registou (*Vita Horati*, § 10):

*"Irasci me tibi scito, quod non in plerisque eius modi scriptis mecum potissimum loquaris. An vereris ne apud posteros infame tibi sit, quod videaris familiaris nobis esse?"*

“Fica a saber que estou aborrecido contigo, porque nos teus numerosos escritos deste género tu não conversas mais comigo do que com outros. Acaso receias que a tua fama junto dos vindouros saia prejudicada com o facto de te verem como meu amigo?”

Este passo da *Vita Horati* mostra bem como as apreensões de Horácio tinham razão de ser. O grande problema dos poetas augustanos era, na verdade, esse: como contornar as pressões ou persuasões, por parte do *princeps*, para que se associassem ao seu programa político e cantassem os seus feitos, as suas *res gestae* e a sua glória? Como fazê-lo de forma equilibrada, sem sinais de

<sup>11</sup> Vd. Pereira, 2009, pp. 236-244, sobre a personalidade e a acção de Mecenas junto dos poetas augustanos.

<sup>12</sup> Veja-se B. Delignon, 2012, p. 77 e seguintes. É na Ode 4.5, vv. 1-2, que Augusto é considerado *optimus Romulae custos gentis*. A ideia de protecção do povo romano pelo seu *princeps* é retomada na Ode 4.15, v. 17: *Custode rerum Caesare*.

servilismo, sem o recurso à *adulatio*? Que arte lhes foi necessário dominar para enfrentar o poder de quem detém as rédeas do poder?<sup>13</sup>

Mecenas reclamava a presença do poeta junto dele (vd. *Epist.* 1.7.34), Augusto queria-o para seu secretário pessoal. Vivendo entre os homens mais poderosos do seu tempo, como lhe foi possível conviver com eles sem comprometer a sua dignidade e manter a sua ambicionada mediania de vida?<sup>14</sup> Os poetas augustanos evitavam elogiar directamente o *princeps*. Não admira, por isso, que a *recusatio*<sup>15</sup> seja a arma a que recorrem para declinar os convites ou as pressões, mormente se vindas do poderoso Augusto.<sup>16</sup> Em circunstâncias idênticas, os poetas helenísticos, que estavam ao serviço de cortes helenizadas, encontravam algum distanciamento recusando o grande *epos* e o mesmo fizeram os poetas augustanos, poeticamente herdeiros dos poetas helenísticos. Virgílio, Horácio, Propércio não deixarão de glosar o famoso passo de Calímaco no qual este afirma ter sido dissuadido por Apolo de compor poemas épicos – poemas de longo fôlego –, com o argumento de que o rio Assírio arrasta muitas

---

<sup>13</sup> Veja-se Griffin, 1984, p. 190: “For the literary man, there is the terrible problem of servility, *adulation*, and the embarrassment, for a sophisticated person, of dealing with a man of commanding power.” E ainda: “The question of dynastic patronage of poets carries us back a long way.” Os tiranos gregos serviam-se dos poetas como meio de propaganda do seu regime, como aconteceu com Hierão de Siracusa, cantado por Píndaro, ou Arquelau da Macedónia, que terá sido elogiado por Eurípides.

<sup>14</sup> Há quem defenda que Horácio não tinha alternativa, pressionado até pelo próprio conselheiro de Augusto. Mas há também quem seja de opinião que o poeta se rendeu, convictamente, ao elogio de Augusto e do regime imperial. Sobre este assunto, veja-se S.J. Harrison (1995, p. 9).

<sup>15</sup> O termo *recusatio* surgiu, em Roma, entre os poetas neotéricos e é utilizado para referir a atitude de um poeta que se “recusa” a abordar certos assuntos, que rejeita nomeadamente o elogio do rei ou do imperador, invocando a sua pouca capacidade ou a sua pouca apetência para levar a cabo tarefa tão pesada. É um *tópos* de modéstia ou de humildade fingida. Na esteira dos poetas helenísticos, como Calímaco, o processo entrou em força nos poetas augustanos.

<sup>16</sup> A respeito da *recusatio*, Griffin (1984, p. 195) lembra que Propércio, em III, 9, se justifica perante Mecenas por não se dedicar à poesia de exaltação épica, dizendo que nisso segue o exemplo do próprio amigo, que se não revela disposto a abdicar do seu estilo de vida. Talvez se referisse à possibilidade de Mecenas se dedicar à composição de uma obra historiográfica, como diz Horácio em idêntica *recusatio* (*Odes* 2. 12, vv. 9-12): *Tuque pedestribus / dices historiis proelia Caesaris, / Maecenas, melius ductaque per vias / regum colla minacium*, isto é: “e tu, Mecenas, em prosa / melhor celebrarás a história dos combates de César / e de reis ameaçadores, que pelos pescoços arrastados / foram pelas ruas.”



impurezas... Uns e outros justificam a recusa escusando-se (a *excusatio* inevitável) com a *leptotes*, a *tenuitas* da sua musa, que não se compraz nem tem capacidade para se abalançar a grandes voos temáticos. Muito menos para a exaltação épica. Aparentemente, a justificação era do foro literário, mas na realidade a imagem de incapacidade era uma forma hábil, subtil, ambígua, de esquivar qualquer compromisso político. Não faltam exemplos do recurso a esta figura. A ode 4.15 é a este respeito exemplar. Além de constituir um dos mais elaborados exemplos de *recusatio* de cantos épicos por parte de Horácio, tem a particularidade de ser, talvez, segundo alguns críticos, a sua última, ou umas das suas últimas composições. Eis os seus versos iniciais:

*Phoebus volentem proelia me loqui  
victas et urbis increpuit lyra,  
ne parva Tyrrhenum per aequor  
vela darem. Tua, Caesar, aetas (...).*

“Quando eu queria falar sobre batalhas e cidades vencidas, Febo repreendeu-me batendo na lira, não fosse eu navegar através do mar Tirreno, com minha pequena vela. A tua idade, César, (...)”<sup>17</sup>

A partir destes versos proemiais, o poeta, algo inesperadamente, entra (vv. 4-12) no elogio da obra pacificadora empreendida por Augusto em Roma e na Itália, mas também no extremo *limes* do Império – recordando como virtude de Augusto o ter fechado o templo de Jano Quirino – e no elogio do seu programa de morigeração de costumes, pondo um freio à devassidão e fazendo reviver o antigo modo de vida, sob a protecção do mesmo. Tais versos, valendo-se da *praeteritio*, acabam por celebrar a acção pacificadora, morigeradora e até redentora da acção do *princeps*, evitando embora o tema da guerra, que tanto

---

<sup>17</sup> *Odes* 4.15, 1-4. A tradução das Odes referidas neste artigo é da autoria de Pedro Braga Falcão (2008).

ensombrara a ação de Octaviano numa fase inicial do seu poder.<sup>18</sup> Só assim, mediante a retórica literária ao serviço da política, o poeta poderia evitar a pressão constante por parte do senhor do poder. Também Propércio há-de recorrer a semelhante justificação.<sup>19</sup>

Segundo tem sido dito, e atentando na produção poética de Horácio anterior aos anos vinte, verificamos que a presença de Augusto continua pouco significativa. Segundo Michèle Lowrie, “Embora Augusto seja um leitmotiv nas Odes I-III, a tonalidade geral do conjunto é sobretudo simpótica, erótica e no espírito do *carpe diem*.”<sup>20</sup> Na verdade, dos três primeiros livros das *Odes* – exceptuadas as *Odes Romanas* –, só na 1.2, a partir dos vv. 43-44, Octaviano é interpelado como o vingador de César e o salvador de Roma, *pater et princeps*. A situação vai alterar-se designadamente a partir de 20/19 a.C. Com o regresso triunfal de Augusto, vindo do Oriente, a sua autoridade é aceite em definitivo. Aqui se inicia, verdadeiramente, a fundação do principado. Mas será sobretudo a partir de 17 a.C., com o convite de Augusto a Horácio para compor o *Carmen saeculare*, e depois, em 15 a.C. com a publicação do Livro II das *Epístolas* e, finalmente, em 13 a.C., com a publicação do IV livro das *Odes*, que Horácio se torna o poeta oficial do regime de Augusto. A respeito deste livro, M. Citroni escreveu (2006: 535): “Apesar de todas as tentativas, o poeta do *Carmen saeculare* não foi capaz de se furtar a desempenhar o papel de cantor oficial das glórias nacionais.” Na verdade, não podia. Associar-se desta forma à celebração do novo século era uma honra e uma demonstração de confiança, por parte de

<sup>18</sup> Horácio não deixa de o assinalar no *Carmen Saeculare*, vv. 49-52: *Quaeque uos bobus ueneratur albis/ Clarus Anchisae Venerisque sanguis/Impetret, bellante prior, iacentem/Lenis in hostem*. “Que aquele do ilustre sangue de Anquises e Vénus/ obtenha o que com bois brancos vos suplicou, /ele antes guerreiro, agora piedoso/ para com o prostrado inimigo.” Note-se, neste passo, o peso do verso 51: “ele antes guerreiro, agora piedoso”, que assinala a mudança de atitude de Augusto, que começou por fazer a guerra e acabou por instaurar um regime de paz.

<sup>19</sup> Como pode ver-se em Propércio, *Elegias*, 2002, nomeadamente 2.1 e 2.10 e comentários de M. Cristina Pimentel.

<sup>20</sup> Lowrie, 2008, p. 82: “Although Augustus is a leitmotif in *Odes* 1-3, the overall tonality is rather sympotic, erotic and in the spirit of *carpe diem*”.

Augusto, no poeta que agora se tornava, de facto, um poeta oficial, um poeta do regime. Mas recorreu a um subterfúgio que lhe permitiu salvaguardar a sua dignidade de poeta, ao insistir no valor da poesia, que assim se superioriza a tudo o mais na sua capacidade de immortalizar os grandes feitos.<sup>21</sup> Tinha um precedente célebre. Para não recuar aos tempos da poesia arcaica grega e a Safo, por exemplo, que confiava na imortalidade conferida pela sua poesia, já Cícero o fizera eloquentemente, ao afirmar, em passo célebre do *Pro Archia*, que a glória de Aquiles seria desconhecida se a *Iliada* não existisse.

\*

Se as Odes Romanas do livro III constituem já um claro sinal da inequívoca aproximação do poeta à causa de Augusto, prestes a ser visto como um deus na terra,<sup>22</sup> o livro IV das Odes, que surge apenas em 13 a.C., não deixa margem para dúvidas. Este livro contém uma grande percentagem de odes dedicadas a Augusto e à sua “entourage”, membros da família imperial e personagens politicamente importantes. Augusto é a figura que domina. Mecenas está presente apenas na ode 4.11.18-20, embora seja aqui celebrado com o calor da amizade, ao ser festejado o seu aniversário e ao ser lembrado como *Maecenas meus* (v.19).<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Veja-se V. Cremona, 1993, p. 118-123.

<sup>22</sup> Ode 3.5, 1-4: “Acreditámos sempre que no céu reina o trovejante Júpiter; /e Augusto, entre nós, como um deus na terra será tido, /logo que os Bretões e os terríveis Persas /ao império forem anexados.” Segundo P. Grimal, 1997, p. 68: “Todo o princípio do III livro das *Odes* é consagrado a uma verdadeira exposição das reformas morais que só mais tarde Augusto realizará. Aqui, o poeta antecipou-se ao legislador, e é bastante certo que Horácio se atribuiu (ou recebeu) a tarefa de preparar a opinião pública para as leis sobre o casamento e a família e para a quase obrigação em que se veriam em breve os senadores de se casar e ter filhos.” Estranha-se, no entanto, que tal incumbência tenha recaído sobre um solteirão inveterado.

<sup>23</sup> Nisbet 2008, p. 16, vê neste livro a influência da corte imperial e o possível declínio da importância de Mecenas, apenas referido na Ode 4.11,18-20. Mas as notícias sobre a recomendação de Mecenas a Augusto (“Lembra-te de Horácio como de mim próprio”) e a sepultura do poeta junto da de Mecenas induzem a crer que as relações entre os três se

Analisando em pormenor este livro IV, Paolo Fedeli (2009) suscita a questão: estamos perante poesia ou propaganda? E se estamos perante uma acção de propaganda do regime, quem a “encomendou”? A questão não é nova e já no tempo de Suetónio ela foi, de certo modo, levantada, ao afirmar que o livro IV foi composto “obrigado” e sob pedido do *princeps*. Assim podemos ler num passo da *Vita Horati* que documenta como Augusto acreditava que os escritos do poeta haveriam de perdurar para sempre.<sup>24</sup> Segundo se crê, Augusto escreveu da Gália a Horácio, nos finais do verão de 15 a.C., a pedir um poema que celebrasse as magnificentes vitórias dos enteados Tibério e Druso sobre os Vindélicos. Com subtileza, Horácio recusou, compondo quatro odes, as 4.4 e 4.14, seguidas das odes 4.5 e 4.15, dirigidas a Augusto. As odes 4.4 e 4.14, em estrofes alcaicas, versam a celebração da acção militar de Druso e Tibério, mas a Ode 4.14, que parece um elogio à glória militar de Tibério, um dos enteados de Augusto, acaba por se transformar no encómio da acção militar e da acção pacificadora do imperador, depois de ter pacificado e trazido ao Império tantos povos como Cântabros, Medos, povos indianos, Citas, gentes do Nilo ao Danúbio, aos Britanos, aos Galos, aos Sigambros.<sup>25</sup> A ode é dirigida ao próprio Augusto, olhado como *maximus princeps*, e começa com uma pergunta (vv. 1-6):

*Quae cura patrum quaeue Quiritium  
Plenis honorum muneribus tuas,  
Auguste, uirtutes in aeuum*

---

mantiveram até final, embora possam ter esfriado no que a Mecenas diz respeito. Walter Medeiros (2009, p. 10) e P. Fedeli têm idêntica opinião.

<sup>24</sup> Suetónio, *Vita Horati*, §§ 20-25: *Scripta quidem eius usque adeo probavit [sc. Augustus] mensuraque perpetua opinatus est, ut non modo saeculare carmen componendum iniunxerit, sed et Vindelicam uictoriam Tiberii Drusique priuignorum suorum, eumque coegerit propter hoc tribus carminum libris ex longo interuallo quartum adere [...].*

<sup>25</sup> Esta longa enumeração de povos e terras faz lembrar a impressionante lista de províncias, povos, rios, montanhas e mares e cidades sujeitos ao domínio romano, como vem registado nas *Res Gestae* de Augusto, um documento testamento no qual o *princeps* dá a conhecer o mundo conquistado. Sobre a importância política e simbólica do documento, veja-se Cl. Nicolet, 1988, capítulos 1 (p. 27-40) e 2 (p. 41-68).

*Per titulos memoresque fastus*

*Aeternet, o qua sol habitabilis*

*Illustrat oras, maxime principum?*

De que forma poderá o zelo dos senadores e do povo,  
 Augusto, com pródigas mercês de honra,  
 Eternizar para todo o sempre tuas virtudes,  
 Em inscrições e registos dos fastos,  
 Ó maior dos soberanos de todas as regiões habitáveis,  
 Que o sol ilumina?

*Aeternet* (no v. 5) é a palavra-chave deste passo – valorizada por se tratar de um arcaísmo – e *maximus principum* (o maior entre os primeiros de Roma) constitui o maior título e a maior consagração de Augusto. Infinito e superlativo conjugam-se, assim, na exaltação do senhor de Roma e do mundo habitado, ele que, como vem exarado no início das *Res Gestae*, ‘*orbem terrarum imperio populi Romani subiecit*’, isto é, ‘submeteu ao poderio do Povo Romano o globo terrestre’. Quanto à ode 4.5, Putnam (1996, p. 108-109) chama a atenção para o facto de os vv. 21-22 conterem “the greatest cluster of verbal novelties in book 4 and perhaps in his entire poetic output. *Polluitur, stupris, maculosum* and *edomuit* all appear for the first and only occasion in Horace’s work”, sublinhando deste modo, poeticamente, as reformas morais que Augusto trouxe à vida de Roma.

Perante o queixume do *princeps*, Horácio ter-se-á sentido impelido ou levemente compelido a associar-se publicamente à celebração das vitórias e da glória do amigo e senhor.<sup>26</sup> Idêntico louvor está presente na famosa a *Epíst.* 2.1, dirigida a Augusto, que abre com uma hábil recusa (vv. 1-4):

*Cum tot sustineas et tanta negotia solus,*

---

<sup>26</sup> A isso o forçariam as obrigações decorrentes do facto de o *princeps* ser o *patronus* dos *patroni*, que por sua vez estavam unidos aos *clientes* por laços de *amicitia*. No mundo romano, no qual a participação na vida social e política passava pelas relações de *amicitia*, era difícil manter a independência. A *amicitia* entre Augusto e o poeta representava uma relação assimétrica entre duas figuras de estatuto social muito diferentes, que impunha obrigações e se cimentava numa troca de presentes e serviços.

*res Italas armis tuteris, moribus ornes,  
legibus emendes, in publica commoda peccem  
si longo sermone morer tua tempora, Caesar.*

Visto que, sozinho, sustentas tantas empresas e tão importantes, os interesses ítalos com armas proteges, os equipas no respeito dos costumes, e com leis os endireitas -, contra o bem comum eu atentaria, se com larga conversa te entretivesse, César.

Na opinião de Eduard Frankel (1980, p. 397), o padrão da *recusatio* desta carta 2.1 a Augusto é o mesmo da sátira introdutória do livro II, escrita quinze ou dezasseis anos antes desta epístola. Nessa *Sátira* 2.1, datada de 30, numa espécie de diálogo entre Horácio e o amigo e jurisconsulto Trebácio Testa, este aconselha Horácio a deixar de compor sátiras, mas Horácio replica que, se não escrever, não consegue dormir. Então Trebácio aconselha-o a fazer exercício físico e a beber um copo... Mas se mesmo assim não resultar, então que celebre os feitos de César. Então o poeta recusa-se – a *recusatio* procedente de Calímaco – a tratar temas elevados, por falta de capacidade para tanto (vv. 12-13): *Cupidum, pater optime, uires /deficiunt*. O poeta parece estar disponível para celebrar as vitórias de César, mas faltam-lhe as forças. Em todo o caso, admite (vv. 17-20) vir a fazê-lo, quando for oportuno, pois de outra forma poderá não agradar a César Octaviano.<sup>27</sup> Na referida epístola a Augusto, a ideia é semelhante: o poeta gostaria de ser o arauto dos feitos do *princeps*, mas as suas capacidades não estão ao nível da *maiestas* do César, como diz no v. 258.

Nesta extensa carta de 270 versos, Horácio procura desculpar-se por não endereçar a Augusto mais produções poéticas, interroga-se sobre que matéria poderá interessar ao *princeps*, e passa depois a tecer considerações sobre a produção épica e dramática, sem que seja clara a verdadeira intenção do poeta. Observem-se os vv. 257-259:

---

<sup>27</sup> Griffin, 1984, p. 196, sublinha os cuidados de Horácio em que a sua poesia vá em momento inoportuno dirigida Augusto.

*si, quantum cuperem, posse quoque; sed neque paruum  
carmen maiestas recipit tua, nec meus audet  
rem temptare pudor, quam uires ferre recusent.*

se os meus desejos correspondessem às minhas possibilidades.  
Mas versos sem grandeza ficariam mal à tua majestade, nem o  
meu pudor  
me permitiria tentar matéria que as minhas forças se recusam a  
suportar.

Mas voltemos à ode que se destaca por encerrar o livro IV, a ode 15,<sup>28</sup> objecto de um comentário minuciosíssimo de P. Fedeli (2009). Esta ode começa com a referência a Febo (Apolo) e termina com a referência a Vénus, um enquadramento que associa Augusto às origens troianas e à *gens Iulia*, e os coloca sob a protecção do deus especialmente venerado pelo vencedor de Áccio. O poeta pretendia cantar batalhas e cidades vencidas (*proelia et victas urbes*), mas Febo desaconselhou-o a fazê-lo, “não fosse eu navegar através do mar Tirreno / com minha pequena vela”. Mediante uma linguagem metafórica e de recorte literário, com origens em Calímaco e glosada por outros poetas helenísticos, gregos e romanos, o poeta passa a exaltar o povo romano e o seu *Princeps*. Afirma ele: *Custode rerum Caesare* (v.17), tendo a protecção de César, o império romano florescerá, as leis serão respeitadas, o templo de Jano ficará livre de guerras, a devassidão terá um freio a controlá-la, “e fez reviver o antigo modo de vida” (v.12); é uma nova era que começa. Sob a protecção do César, que no *Carmen Saeculare* v. 50 diria ser *clarus Anchisae Venerisque sanguis*, e excluídas, desse modo, as guerras civis, o poeta trata de exorcizar as ameaças e as sublevações de povos irrequietos, estanciados nas zonas mais longínquas do império, impondo-lhes condições de paz fixadas por Augusto, os *edicta Iulia* – hábil forma, diz Fedeli (2009, p. 103), de relacionar as leis de Augusto com a *gens Iulia*. O poema termina com *canemus* (começara com um singular *me* no v.1)

<sup>28</sup> Érico Nogueira (2006, p. 99) considera que “Esta ode, última do livro e da carreira do autor, é ao mesmo tempo recusa, meta-ode e peroração. Eloquentemente resume as que a precederam.”

e desse modo quer o poeta dizer que está irmanado com todos os Romanos nos seus louvores a Augusto, associando à história contemporânea de Roma a acção heróica e mítica dos seus antepassados troianos, Anquises e Eneias, e de toda a sua descendência:

*Virtute functos more patrum duces  
Lydis remixto carmine tibiis  
Troiamque et Anchisen et almae  
Progeniem Veneris canemus.*

e depois, segundo o costume dos nossos pais, acompanhando o canto com túbias da Lídia, os chefes que morreram com honra, Tróia e Anquises e a descendência da alma Vénus cantaremos.”

Como comentário final a esta ode 4.15, Fedeli (2009, p. 104) justifica a atitude de Horácio (ao celebrar as reformas da acção política, social religiosa, moral de Augusto), não por servilismo, mas como decorrente das obrigações / *officia* de reconhecimento pelos benefícios alcançados em 17, ao ser escolhido para compor o *Carmen Saeculare*. Também Galinsky (1996, p. 260) é de opinião que o livro IV das Odes, publicado depois de 13 a.C., representa o ponto mais alto da fusão entre o poeta Horácio e o “milieu” de Augusto. E continua: “A relação, como sempre, é muito mais subtil do que o facto de Horácio ser um mero apóstolo do regime.” Os seus quinze poemas constituem um monumento ao próprio poeta e à Roma augustana. Mais ainda: é a sua poesia que assegura aos feitos de Augusto a imortalidade. E a forma *canemus* que fecha a ode 4.15, a última das Odes, é clara correspondência ao *cano* do início da *Eneida*, como muito pertinentemente observou Galinsky (1996, p. 262). Nesta forma verbal carregada de tradição e polissemia, o poeta canta, louva e representa-se como um vate. Importa lembrar que os poetas helenísticos, e na sua esteira os poetas augustanos, prestaram sempre uma atenção muito especial à forma como



organizavam os seus poemas no conjunto do livro ou da obra. Assim, o último poema e a última palavra revestiam-se de um superior sentido, quer estético, quer simbólico. O *canemus* horaciano evoca o *cano* que abre a *Eneida*, com a diferença de que, recorrendo ao plural, Horácio se associa, claramente, ao coro das *laudes Caesaris*.

Antes de concluir, regressemos ao *carmen saeculare*, o poema que encerra, em 17A.C., a realização dos Jogos Seculares, que tinham como objectivo celebrar a entrada de Roma num novo *saeculum*, numa nova era, conduzida por Augusto, e celebrar a eternidade de Roma. Os vv. 57-60 exaltam o regresso das grandes virtudes que fizeram (e voltarão a fazer) a grandeza de Roma:

*Iam Fides et Pax et Honos Pudorque  
Priscus et neglecta redire Virtus  
Audet apparetque beata pleno  
Copia cornu.*

“Já a Lealdade, a Paz, a Honra, o antigo Pudor  
e a desprezada Virtude ousam voltar,  
e a bem-aventurada Abundância surge  
com seu corno cheio.”

Com este poema, Horácio compromete-se definitivamente com a exaltação do principado de Augusto, título que este ostenta desde 27 a.C. A partir de então, já Octaviano é Augusto, já deixou para trás o que de condenável tiveram os inícios do seu *imperium*, já todos acreditavam que uma regeneração ou refundação da cidade e do império estava em curso, sob a protecção de um descendente de Eneias (e de Vénus), fadado pelo destino para assegurar a prática da Lealdade, da Paz, da Honra, da Virtude e da Abundância, enfim, um reino de felicidade. Virgílio vaticinara um *imperium sine fine*, sem limite de tempo nem de espaço. Horácio exprime um voto para a eternidade de Roma e do império, uma outra forma de dizer *in aeuum, eis aiôn*, para sempre (vv. 9-12):

*Alme sol, curru nitido diem qui*

*Promis et celas aliusque et idem  
Nascaris, possis nihil urbe Roma  
Visere maius !*

Almo sol, que em teu refulgente carro  
O dia fazes surgir e escondes, e que um outro  
Embora o mesmo renasces, possas tu  
Nada maior ver do que a urbe de Roma.

\* \* \*

Em conclusão, e voltando à questão inicial, relativa à *recusatio* e à sinceridade dos versos de Horácio de louvor a Augusto. São sinceros ou retóricos? Como pôde conciliar esse louvor com o seu forte espírito de independência? Acaso a sua “musa pedestre” se adequaria a altos voos encomiásticos, a celebrar a glória e os destinos de quem se sentia destinado a uma missão que não podia falhar? Horácio era um homem cerebral, amava a vida simples e sem sofrimento, como epicurista que era. Aos temas épicos preferia os temas da poesia erótica. Mas era multifacetado, ia das odes mais líricas ao modo pindárico, passava da conversação erudita e epistolar ao diálogo crítico e às diatribes dos seus *sermones*. A vida simples e independente, entre o amor e o vinho, a conversação sincera com os amigos, era o que mais prezava.

Por outro lado, o poeta conhecia bem o poder de Augusto. ‘*Caesar qui cogere posset*’ ocorre no livro I das *Sátiras*, no início da sátira 3. César Augusto poderia ter forçado Tigellius a recitar... Poderia ter insistido, mas não o fez. O contexto e o tom em que o Venusino o diz é medianamente irónico, ao acrescentar que Augusto não conseguiria fazer calar o visado, se quisesse... Na epístola 2.1 a Augusto, em dado momento o poeta queixa-se de que o vulgo não compreende como é penoso tecer poemas delicados (v. 225: *tenui deducta poemata filo*) e como é importante o estímulo vindo do *princeps*, que lhe permite

viver sem dificuldades e o incita (o verbo utilizado, *cogas*, é um tanto forte) a compor o poema: *et egere uetes et scribere cogas* (v.228). Não é de crer que Augusto forçasse os poetas. Mas o *princeps* podia exercer o seu poder de persuasão.

Em suma, as opiniões sobre as variações de que é capaz a alma horaciana são múltiplas e até desencontradas. Mas Vicente Cristóbal (na introdução ao seu comentário de Horacio: *Epodos e Odas*, 1985, p. 16) exprime com justeza a seguinte opinião sobre a iniludível questão da sinceridade de Horácio ao longo da vida: “En la religión y en la política, sus creencias e convicciones experimentaron un notable cambio: de ‘parco y poco assíduo adorador de los dioses’ (como manifiesta en *Carm.* I, 34,1) en sus años jóvenes, a más devoto de ellos en sus días maduros; de republicano militante en su juventud, a partidário de Octavio y colaborador suyo en la segunda parte de su vida. No hay razones para crer que dicho sesgo obedezca sin más a oportunismo y conformismo, sino que – a pesar de una cierta prevención mantenida sempre com respecto al *princeps* – los constantes testimonios de adhesión y elogio hacen suponer que su conversión fue sincera.”

É plausível. Mas talvez a melhor opinião seja a de quem considere, como M. Schrijvers, que “le ‘vrai’ Horace est l’ensemble des rôles qu’il a joués dans les différents phases de sa vie.”<sup>29</sup>

## Referências bibliográficas

### Edições de Horácio

HORACE. *Épîtres*, Texte établi et traduit para François Villeneuve, Paris, Les Belles Lettres, 1978.

---

<sup>29</sup> Citado de V. Cremona, 1993, p. 126-127.

HORACE. **Odes et Épodes**, Texte établi et traduit para François Villeneuve, Tome 1, Paris, Les Belles Lettres, 1981.

HORACE. **Epodos y Odas**. Trad., intr. Y notas de V. Cristóbal, Madrid, Alianza, 1985.

HORACE. **Œuvres**, Texte Latin, publiées par F. Plessis et P. Lejay, Paris, Classiques Hachette, 1957.

HORACE. **Satires**, Texte établi et traduit para François Villeneuve, Paris, Les Belles Lettres, 1980.

### Estudos

ALBERTO, P. F. O simbólico na construção da imagem e do programa ideológico de Augusto: os mitos da fundação da Cidade. In: **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**. Aveiro, nº 6, p. 27-50, 2004.

BOWDITCH, Ph. L. *Horace and the Gift Economy of Patronage*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2001.

CITRONI, M. (dir.). **Literatura de Roma Antiga**. Trad. de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Revisão de Walter de Sousa Medeiros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CREMONA, V. Orazio poeta civile. In: **Horace. L'oeuvre et les imitations. Un siècle d'interprétation**. Vandoeuvres-Genève : Fondation Hardt, 1993, p. 95-123.

DELIGNON, B. La représentation de Mecène dans les Satires d'Horace : enjeux politiques, philosophiques et poétiques. In: **Vita Latina**, 185-186, 2012, p. 74-97.

ETIENNE, R. **Le siècle d'Auguste**. Paris : Armand Colin, 1970.

FEDELI, P. Il IV libro delle *odi* di Orazio: Poesia o propaganda? In: **Horácio e a sua perenidade**. Coimbra: Centro Internacional de Latinidade Léopold Senghor e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2009, p. 89-111.

FERNANDES, R.M.R. A figura de Horácio. In: **Horácio e a sua perenidade**. Coimbra, Centro Internacional de Latinidade Léopold Senghor e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2009, p. 13-20.

FRAENKEL, E. **Horace**. Oxford Clarendon Press, 1980.

FRASCHETTI, A. **Augusto, Imperador de Roma**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GALLINSKY, K. Augustan Literature. In: **Augustan Culture**. Princeton University Press, 1996, p. 225-287.

GRIFFIN, J. Augustus and the poets: 'Caesar qui cogere posset'. In: *Caesar Augustus: Seven Aspects*, 1984, p. 189-218.

GRIMAL, P. Les Odes Romaines d'Horace et les causes de la guerre civile. In: P. Grimal, **Rome, la Littérature et l'Histoire**. Tome I. École Française de Rome, 1986, p. 81-101.

GRIMAL, P. **O Século de Augusto**. Lisboa: Edições 70, 1997.

HARRISON, S.J. Some Twentieth-century Views of Horace. In S.J. Harrison (ed.), **Hommage to Horace. A bimillenary Celebration**. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 1-16.

LOWRIE, M. Horace and Augustus. In: **The Cambridge Companion to Horace**, edited by Stephen Harrison. Cambridge University Press, 2008, p. 77-90.

MACNEILL, R. *Horace. Image, Identity and Audience*. The Johns Hopkins University Press, Baltimore and London, 2001.

MILLAR, F. and SEGAL, E. (org.). *Caesar Augustus. Seven Aspects*. Oxford, 1984.

NICOLET, Cl. *L'Inventaire du Monde. Géographie et politique aux origines de l'Empire romain*. Paris: Fayard, 1988.

NISBET, R. Horace: Life and chronology. In: **The Cambridge Companion to Horace**, edited by Stephen Harrison, 2008, p. 7-21.

NOGUEIRA, E. **A lírica laudatória no livro IV das Odes de Horácio**. Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo, Dezembro de 2006. [Consultado em 07.09.2018: <http://www.teses.usp.br>.]

PEREIRA, M.H., **Estudos de História da Cultura Clássica. Volume II: Cultura Romana**. 4ª edição revista e atualizada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PEREIRA, M. H, FERREIRA, J., OLIVEIRA, Fr. (Coords.), *Horácio e a sua perenidade*. Centro Internacional de Latinidade Léopold Séngor e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

PERRET, J. **Horace**. Paris: Hatier, 1959.

PUTNAM, M. **Artifices of Eternity: Horace's Fourth Book of Odes**. Ithaca / London, Cornell University Press, 1996.

THOMAS, R. Horace and Hellenistic Poetry. In: *The Cambridge Companion to Horace*, edited by Stephen Harrison, Cambridge University Press, 2008, p. 50-62.

**The Cambridge Companion to Horace**, edited by Stephen Harrison, Cambridge University Press, 2008.

Recebido em setembro de 2018.

Aprovado em setembro de 2018.